

DO ESPAÇO PARA O TEMPO: UM ESTUDO DE CASO CONCRETO

Zinda Vasconcellos
zindavas@gmail.com

1. Apresentação

Muito já se escreveu sobre a base dos conceitos relativos ao tempo em noções espaciais. No trabalho proposto, pretendo acompanhar o(s) processo(s) de metaforização concreto(s) que ocorre(m) na origem das acepções temporais de um verbo de movimento altamente polissêmico, examinando não tanto o papel das clássicas metáforas gerais que interpretam o tempo como movimento no espaço, mas sim o de outras metáforas mais específicas que acompanham essas primeiras. Além disso, e sobretudo, pretendo examinar a adaptação necessária pela qual devem passar noções originadas de um domínio semântico quando são transpostas para outro, de modo a poder captar os aspectos dos fenômenos intrínsecos ao novo domínio. Em particular, pretendo verificar se a organização interna dentro do grupo das acepções de natureza temporal é um simples reflexo da existente entre as acepções de natureza espacial, ou se apresenta particularidades próprias; e se os mesmos fatores de distinção de sentidos atuam em ambos os grupos, e no mesmo grau, e do mesmo modo. Mas, antes de poder realizar o pretendido, devo apresentar brevemente a análise do verbo original, o que faço no próximo item.

2. Apresentação sucinta da análise de base

A análise completa do significado de *passar* revelou a existência de pelo menos 128 acepções para o verbo, organizadas à maneira de uma categoria radial: todas essas acepções se encadeiam, as mais periféricas relacionando-se diretamente com outras mais básicas, por sua vez ligadas a outras mais básicas ainda, e assim por diante, até que se chega a poucas acepções centrais, cada uma das quais é o núcleo de uma subcategoria radial, correspondente a uma das diversas classes em que as acepções foram divididas. Tais acepções nucleares também vêm relacionadas entre si por processos cognitivos: em particular o núcleo dos seus significados

consiste em esquemas de imagens²³, e todos esses esquemas são transformações do esquema subjacente ao significado básico do verbo (o da acepção mais básica, a **A.a.1.1**, do Grupo A do macrogrupo espacial, ver abaixo).

É impossível apresentar aqui a categoria como um todo, mas vale dizer que as acepções foram primeiro divididas em dois macrogrupos, conforme sua natureza espacial ou temporal. Cada macrogrupo foi então subdividido em grupos, e alguns dos grupos foram ainda divididos em subgrupos. Essa classificação se cruza com outra, que a corta transversalmente. As classes transversais recebem o nome de transgrupos. Abaixo estão apresentados os significados típicos das acepções dessas diversas classes, e as noções que as caracterizam.

2.1. Critérios de estabelecimento e significados resultantes das classes do macrogrupo espacial

Dentro desse macrogrupo, foram reconhecidos quatro grandes grupos (assinalados nos rótulos identificatórios das acepções pelas letras maiúsculas de A a D), que diferem entre si pela perspectiva com que suas acepções apresentam o movimento de uma figura típico do significado básico de *passar*. Alguns desses grupos foram ainda subdivididos segundo linhas de distinção de sentidos próprias às suas acepções (tais subgrupos são manifestados nos rótulos das acepções por letras minúsculas que seguem as maiúsculas, delas separadas por um ponto). As acepções desses grupos e subgrupos se caracterizam pelas noções indicadas abaixo.

Grupo A – Marcado pela ênfase no deslocamento de uma figura por uma cena ampla como parte de um trajeto potencial que ela efetuará, sem privilégio de um ponto de referência especial dentro da cena. Exemplos de frases que instanciam algumas das acepções mais centrais do Grupo A: "Os homens que passavam pelas cidades e pelos campos", "O rio passa, murmurante" e "No rosto sempre tão sereno passou a sombra de uma saudade.

Grupo B – Constituído pelas acepções em que ocorre a inflexão

²³ Os esquemas de imagens que caracterizam os significados das principais classes de acepções espaciais de *passar* nos quais os significados das outras classes por sua vez se baseiam, são apresentados no Anexo.

da ideia de movimento por um lugar na de simples estada no lugar (são acepções locativas). Exemplos: “Nunca passei na Bahia” e “No Teatro Ginástico está passando uma peça ótima”.

Grupo C – Identificado pela focalização de um ponto de referência específico no trajeto da figura. Subdivide-se nos seguintes subgrupos:

a) subgrupo C.a – ênfase no mero tangenciamento do ponto de referência; exemplos: “... o único irmão que tinha passara por mim como estranho”, “No caminho para a faculdade, passei diante da casa dele” e “O meridiano que passa por Salvador”;

b) subgrupo C.b – ênfase na ultrapassagem do ponto de referência; exemplos: “Mas, ouça, não me passem para além do alto do Pombo”, “A bala passou o alvo” e “Nossas relações nunca passaram de amizade”;

c) subgrupo C.c – ênfase na transposição do ponto de referência, visto como um obstáculo ao deslocamento; nas acepções metafóricas, ênfase na dificuldade ou sucesso dessa transposição; exemplos: “Muitos francos passaram os Pirineus”, “A espada passara-lhe as entranhas”, “Este vinho não é bom, mas passa”, “O candidato não passou”, e “O projeto de lei passou no Congresso”;

d) subgrupo C.d – visão do ponto de referência transposto como marco do início de nova localização, espacial ou não; exemplos: “As bruxas passam pelas fechaduras”, “O vento passava pela fresta da porta” e “Um dia [...] reconhecerás, passando a ser dos meus, se há ou se houve jamais um ente igual a Deus”.

Grupo D – Caracterizado pela ênfase na mudança de um lugar para outro. Exemplos: “Tomaram em silêncio o café; depois passaram à sala”, “No mesmo instante em que sarou a superiora, caiu doente a enfermeira, passando as dores de uma para a outra” e “Passou de padre para negociante”.

A classificação em grupos e subgrupos acima apresentada se cruza com outra classificação geral, a que divide as acepções de todos os grupos e subgrupos estabelecidos segundo o critério anterior de acordo com o tipo da figura em função semântica de tema e a natureza do movimento envolvido. Por esse novo critério, foram reconhecidas três classes de acepções espaciais, que, por motivos de conveniência, foram tratadas como subdivisões das estabelecidas pelo outro. E, como desejava um nome específico para cada nível hierárquico da classificação global, atribuí a tais classes o nome de transgrupos, assim recuperando o caráter

transversal dessa classificação em relação à outra (tais transgrupos são simbolizados nos rótulos das acepções pelo primeiro número em algarismos arábicos após as letras, delas separado por um ponto). As acepções desses três transgrupos no macrogrupo espacial exprimem²⁴:

Transgrupo 1 – movimento espacial autônomo de uma figura animada;

Transgrupo 2 – deslocamento no espaço de um objeto concreto não animado;

Transgrupo 3 – movimento virtual ou metafórico de algo, concreto ou não.

2.2. Critérios de estabelecimento e significados das classes do macrogrupo temporal

Quanto aos grupos do macrogrupo das acepções temporais – as quais resultam de uma interpretação metafórica do decurso do tempo enquanto movimento de uma figura no espaço –, foram estabelecidos tendo em vista sua equivalência aproximada com os grupos espaciais. Tais grupos temporais, que não foram divididos em subgrupos, são representados no segundo código alfabético²⁵ dos rótulos – das acepções, seja por uma única letra maiúscula, que indica o grupo espacial considerado mais próximo, seja, na maioria das vezes, por um conjunto de duas letras, uma maiúscula, com o mesmo valor apontado acima, e outra minúscula, cujo sentido varia conforme o grupo de que se trate. Os grupos em questão se caracterizam por:

Grupo A – ênfase no “percurso” de um período, sem privilégio de um ponto de referência temporal; exemplos: “O tempo passa” e “Passaria um dia inteiro, contente, a peneirar trigo”.

Grupo Ba – simples localização de algo no tempo; exemplo: “Contaram-me o que ontem passou”.

Grupo Bc – localização de algo “para trás” no tempo; ex.: “Passou a oca-

²⁴ Excepcionalmente, no grupo B de acepções espaciais, como não há propriamente movimento, mas sim localização no espaço, torna-se irrelevante a distinção entre acepções relativas a figuras animadas e inanimadas, os dois primeiros transgrupos fundindo-se então em um só.

²⁵ O primeiro código alfabético é sempre T nas acepções do macrogrupo temporal.

sião”.

Grupo Cb – ênfase na “ultrapassagem” de um limite temporal; exemplo: “Esta capa ainda me passa o inverno”.

Já os transgrupos do macrogrupo temporal, que se resumem a dois, foram determinados com base no critério de qual das duas metáforas que podem subjazer à conceptualização do tempo com base em noções espaciais atua na constituição do sentido das suas acepções. Na primeira, o tempo é concebido como uma figura em movimento, ou melhor, como uma “fila” de figuras em movimento, correspondentes aos diversos instantes temporais sucessivos de que ele se compõe, que caminham umas atrás das outras, as quais, situadas num primeiro momento à frente do ponto de referência temporal no qual o falante “se encontra” no discurso, vêm sucessivamente se aproximando desse ponto, passam por ele e depois se afastam à medida em que continuam seu “caminho”, ficando cada vez mais “para trás” de tal “lugar” no tempo. Na segunda, o tempo é entendido como uma estrada composta de várias regiões, correspondentes aos vários momentos sucessivos, e são as pessoas e seres que, no decorrer de sua existência, caminham por essa estrada. Como nos transgrupos espaciais, de novo, o que está em jogo é a natureza da figura em movimento – ou, melhor dizendo, exatamente qual é a figura envolvida no movimento metafórico que essas acepções representam: o próprio tempo; ou algo mais que nele se localiza ou se move, sendo ele então concebido como um caminho. Os transgrupos em causa, simbolizados nos rótulos das acepções do mesmo modo que os seus correspondentes do macrogrupo espacial, são assim caracterizados:

Transgrupo 1 – movimento metafórico do próprio tempo;

Transgrupo 2 – movimento ou localização metafóricos de algo no tempo²⁶.

3. Do espaço para o tempo

O fato de que as acepções de *passar* com significado temporal se apoiam todas numa interpretação espacial do tempo não é algo específico ao significado desse verbo, e sim de um fato conceptual geral, o fato de

²⁶ Tendo em vista a necessidade de limitar a extensão do presente artigo, no restante do mesmo não tratarei da divisão das acepções em transgrupos, mas apenas dos grupos e subgrupos de acepções.

que o decurso do tempo, em nossa língua/cultura (e talvez universalmente ...), é compreendido com o apoio de noções de base espacial. Mas, no caso específico de *passar*, há uma base cognitiva a mais para essa transposição semântica.

Como já mencionado acima, o significado básico do verbo consiste basicamente num esquema de imagem²⁷. Ora, esse esquema, que se caracteriza pela entrada e saída sucessivas de uma figura numa cena, traz consigo determinada ordenação temporal de eventos. É essa ordenação temporal subjacente que explica o caráter à primeira vista paradoxal dos valores tempo-aspectuais expressos por *passar*, que ora se associa ao próprio nome da faixa temporal relativa ao passado, ora, por outro lado, é o auxiliar usado exatamente para a gramaticalização do valor aspectual inceptivo (na regência *passar a*).

Com efeito, se algo entra e sai de um cena visível, a sucessão desses momentos tanto se presta para expressar o valor de surgimento de algo novo nessa cena, identificada com um momento ou uma etapa temporal relevante para o discurso, quanto o de desaparecimento dela. É também essa sucessão que, além de facilitar a transposição metafórica do movimento espacial para o domínio temporal, explica a constante contaminação das ideias de transitoriedade e fugacidade em diversas acepções do verbo (já que a figura que entra em cena dela sai em seguida, ou seja, não permanece, é efêmera).

Porém, como já disse antes, o interesse deste trabalho não reside tanto na motivação cognitiva para a transposição semântica do espaço para o tempo, e sim na adaptação necessária pela qual devem passar noções originadas de um domínio semântico quando são transpostas para outro, de modo a poder captar os aspectos dos fenômenos intrínsecos ao novo domínio. Desenvolverei primeiro os aspectos em que a classificação das acepções temporais refletem os mesmos fatores de diferenciação de acepções que já atuam no macrogrupo espacial, fazendo em seguida o exame dos aspectos em relação aos quais o que ocorre no domínio semântico temporal difere do que se dá no domínio espacial.

²⁷ Ao qual se sobrepõem, porém, traços de uma imagem mais rica, já mais próxima de uma categoria de nível básico, resultante de uma projeção sobre a figura que se move do esquema corporal e da orientação espacial (e até das intenções...) típicos do movimento direcionado de seres humanos ou animais superiores.

3.1. Aspectos em que a organização do macrogrupo temporal se aproxima da do macrogrupo espacial

Já foi dito no item 2.2 que os grupos de acepções do macrogrupo temporal foram estabelecidos tendo em vista sua equivalência aproximada com os grupos espaciais. Há, no entanto, no macrogrupo temporal, uma significativa “retração” do espaço representacional de base espacial, bem como uma diferente distribuição relativa das acepções nas sub-regiões dos planos espacial e temporal.

Assim as acepções temporais (21 no total, contra 107 acepções espaciais) se distribuem quase todas em grupos relativamente equivalentes aos grupos **A** e **B**²⁸ de acepções espaciais, com exceção de apenas três consideradas como mais próximas do subgrupo espacial **C.b**. Não há equivalentes temporais para grupos e subgrupos inteiros de acepções espaciais, em especial para as do grupo **D** e do subgrupo **C.d**²⁹. Também não há acepções temporais claramente correspondentes às espaciais do subgrupo **C.c**, se bem que a noção de transposição de um obstáculo, característica desse subgrupo, contamina várias acepções temporais mais próximas dos outros grupos ou subgrupos.

Quanto ao subgrupo **C.a**, também não tem um equivalente exato no macrogrupo temporal. Porém, do ponto de vista de enfoque característico desse subgrupo, o de que a figura em movimento primeiro se aproxima e depois se afasta de uma segunda figura ou marco de referência, se deriva mais uma perspectiva possível de apresentação das situações expressas pelo verbo *passar*, a que focaliza essa segunda figura cruzada

²⁸ Se bem que, como veremos pouco mais abaixo no texto, há no macrogrupo temporal dois grupos grosso modo equivalentes ao grupo **B** do macrogrupo espacial, os grupos temporais **Ba** e **Bc**, e não um só.

²⁹ Mas a própria ideia de mudança de lugar, característica do grupo **D** como um todo, sobretudo quando aplicada metaforicamente a mudanças de estado, já é essencialmente marcada por uma dimensão temporal. O mesmo ocorre, com mais força ainda, no caso da acepção **C.d.3.1** {COMEÇAR [ALGUÉM OU ALGO] A FAZER ALGUMA COISA QUE NÃO FAZIA ANTES OU A SER ENQUADRÁVEL NUM ESTADO, QUALIDADE OU CONDIÇÃO QUE ANTES NÃO TINHA – ex(s): “*Passou a beber depois da morte da mulher*”}, em que *passar* assume o caráter de verbo auxiliar que serve à expressão do valor aspectual inceptivo. Aliás, essas acepções só não foram incluídas no macrogrupo temporal porque este foi limitado às acepções claramente associadas ao decurso do próprio tempo ou a uma localização de algo no tempo – mesmo porque, se todas as acepções com implicações temporais fossem incluídas no macrogrupo temporal praticamente desapareceria a distinção entre os dois macrogrupos. Afinal, não é à toa que o tempo é conceptualizado por meio de noções espaciais, há correlatos claros na experiência entre movimentos no espaço e o decurso do tempo.

após ter sido ultrapassada pela figura na função de TEMA, quando então, em consequência dessa ultrapassagem, estará localizada para trás das “costas” daquela outra figura, e, portanto, fora do seu horizonte visual. Essa perspectiva já se manifesta no macrogrupo espacial, gerando a acepção locativa **B.1(2).3** {FICAR PARA TRÁS – ex(s).: “Estamos quase no Recreio, a casa dela seguramente já passou”}. Mas ela é pouco relevante naquele macrogrupo, e não justificou a criação nele de um grupo de acepções nela baseado.

No macrogrupo temporal, porém, tal perspectiva se torna bem mais importante, porque nele há inúmeras acepções que a manifestam, acrescentando ao sentido que lhe é próprio – o de “ficar para trás”, no tempo, nesse caso – diversas implicações pragmáticas e especificações adicionais derivadas de áreas semânticas particulares; e tais acepções têm um peso relativo bastante relevante no macrogrupo, e se distinguem claramente das acepções puramente locativas no eixo do tempo, justificando assim a divisão das acepções locativas do macrogrupo em dois grupos diferentes, um, o grupo **Ba**, formado de acepções locativas mais próximas do grupo **A**, e outro, o grupo **Bc**, de acepções locativas que exprimem essa perspectiva adicional derivada da noção caracterizadora do subgrupo espacial **C.a**. São exemplos das acepções temporais que manifestam a perspectiva em causa as frases “Isto é uma crise, há de passar”, “Que nos importa os que passaram ou o que temos nós com o que eles fizeram”, “Passou a ocasião”, “Vivemos entre efêmeros, na república da volubilidade: tudo passa, porque não se *enraíza*”.

Há assim ao todo quatro grupos de acepções temporais quanto à perspectiva de abordagem do movimento da figura, os grupos **A**, **Ba**, **Bc** e **Cb**, grupos esses que não foram adicionalmente subdivididos em subgrupos.

3.2. Particularidades dos fenômenos observados no macrogrupo temporal

Pode-se verificar a influência da adaptação que as noções originadas de um domínio semântico sempre precisam passar, quando transpostas para outro, em três aspectos dos fenômenos que ocorrem no macrogrupo temporal: em primeiro lugar, na expressiva retração do espaço representacional de base espacial observada no macrogrupo, já brevemente

referida no item anterior; em segundo, nas dificuldades especiais de classificação que acompanham tal retração³⁰; em terceiro, nos fatores de diferenciação de sentido que se fazem presentes apenas entre as acepções temporais, ou com uma predominância muito maior entre elas, ou ainda de um modo diferente do em que também atuam no macrogrupo espacial.

Para começar, os critérios gerais de distinção de acepções tratados no item anterior têm um peso relativamente pequeno na diferenciação entre as acepções temporais efetivamente observadas. Afinal, como dito acima, no macrogrupo temporal há uma significativa retração do espaço representacional em relação ao macrogrupo espacial. Não acredito que essa retração seja gratuita, penso que ela já é uma consequência da mudança de domínio semântico.

Já desenvolvi alhures³¹ a ideia de que as perspectivas de abordagem da situação representada, o principal critério de divisão das acepções espaciais em grupos e subgrupos, são um reflexo do valor discursivo, na organização de textos, de dimensões espaciais muito concretas: como que mimetizam diferentes posições no espaço de onde um observador ideal, com cujo “olhar” o discurso esteja identificado, visualizaria a situação representada – o “ponto de vista” desse observador, literalmente. Sendo puramente metafórico o movimento da figura nas acepções temporais, é compreensível que não dê margem a uma distinção tão nítida desses diversos “ângulos” possíveis de abordagem da situação. O fato é que a continuidade que já se verifica entre as acepções dos diversos grupos e subgrupos espaciais se torna maior ainda no macrogrupo temporal.

É verdade que, com exceção do subgrupo **C.a**, todos os demais grupos e subgrupos espaciais apresentam acepções metafóricas, donde não pode ser o fato do caráter do movimento da figura ser apenas metafórico que, em si mesmo, impede o surgimento de acepções relacionadas às várias perspectivas de abordagem no macrogrupo temporal. Mas as acepções metafóricas espaciais decorrem das dimensões metafóricas intrínsecas aos diferentes “ângulos de visão” de uma situação, que tendem a propiciar o nascimento de metáforas diretamente apoiadas nas noções espaciais em causa. O surgimento de acepções correspondentes no macrogru-

³⁰ Aspecto esse que não será tratado no artigo.

³¹ Em Vasconcellos [1995], onde se acha a análise original das acepções de *passarem* que este artigo se baseia.

po temporal, embora não seja impossível – tanto que a ideia de ultrapassagem de um limite realmente dá origem à constituição do “minigrupo” **C.b** temporal, e a de transposição de um obstáculo contamina várias acepções temporais – já exige uma espécie de metáfora dupla, uma metáfora sobre outra metáfora, o que explicaria a relativa raridade do fenômeno.

É assim natural que, nessa retração do espaço representacional de base espacial observada no macrogrupo temporal, os grupos de acepções espaciais que melhor resistem à transposição para o domínio do tempo são os em que a ideia de localização ou é a dominante (caso do grupo **B**, que chega a se multiplicar por dois no macrogrupo temporal) ou é subsidiariamente muito forte (caso do grupo **A**, no qual as acepções podem enfatizar mais a presença da figura tematizada na cena representada no discurso do que se centrar propriamente no movimento dela e no seu percurso). E, se a noção de “percurso” em si mesma, e não apenas a de localização no tempo, também dá origem a muitas acepções, é porque o tempo é um fenômeno unidimensional, cuja duração pode ser posta em correspondência com a extensão no espaço.

Também parece compreensível que, das ideias características dos significados típicos dos demais grupos e subgrupos existentes no macrogrupo espacial, sejam a de que algo já “ficou para trás”, tendo assim saído do horizonte e desaparecido (a qual é facilmente associável com o caráter irreversível do decurso do tempo e com o valor cultural dado a este como um recurso valioso e escasso), e a de ultrapassagem de um ponto de referência (que pode ser facilmente concebido como um determinado momento no tempo que marque um limite temporal importante) as que mais têm influência na constituição do sentido de acepções temporais.

Ou seja, dizendo o óbvio: é natural que sejam as noções espaciais mais pertinentes para a compreensão dos fenômenos temporais ou diretamente associados ao decurso do tempo as que mais se fazem sentir nas acepções temporais de *passar*...

Na verdade, as relações de correspondência entre acepções temporais e espaciais seguem um padrão curioso. Quase todas as acepções temporais são derivadas das acepções mais genéricas dos grupos espaciais correspondentes, raramente equivalendo às demais acepções mais específicas. No entanto, multiplicam essas acepções espaciais mais genéricas, acrescentando-lhes outras nuances de sentido, diferentes das que já provocaram o surgimento a partir delas das demais acepções espaciais,

nuances mais pertinentes ao domínio do tempo. Assim, um pequeno número de acepções espaciais têm equivalentes temporais, mas as que os têm costumam ter muitos.

Além dessas relações de correspondência entre acepções definidas do plano temporal com outras do espacial, é preciso levar ainda em conta os diversos fios que, como num tapete, se originam no plano temporal e se entrelaçam no espacial, não propriamente originando acepções espaciais equivalentes às temporais, o que geraria um espelhamento infinito, mas causando contaminação de noções temporais em acepções espaciais. Um exemplo disso é importância das ideias relacionadas de fugacidade e não permanência, que são de ordem temporal, mas que são traços constitutivos do sentido das acepções espaciais **A.a.1.3** {IR A [ALGUM LUGAR] SEM INTENÇÃO OU NECESSIDADE DE SE DEMORAR; FAZER UMA BREVE VISITA A – ex.: “Lojas Americanas: grandes marcas, preços baixos todos os dias; passa lá”} e **A.a.3.1** {FAZER-SE SENTIR MOMENTANEAMENTE [UMA MANIFESTAÇÃO NÃO VOLUNTARIAMENTE CONTROLADA DE UMA DISPOSIÇÃO PSÍQUICA] NO [HORIZONTE DE REFERÊNCIA DO DISCURSO, QUE É GERALMENTE A EXPRESSÃO VISUAL DE ALGUÉM OU O AMBIENTE PSÍQUICO ANTES VIGENTE NO CENÁRIO FOCALIZADO], DESVANECENDO-SE QUASE INSTANTANEAMENTE EM SEGUIDA – ex(s): “No rosto sempre tão sereno passou a sombra de uma saudade” e “Pela sala passou um pressentimento funesto”}.

Tratarei agora da medida em que há fatores de diferenciação de sentidos que se fazem presentes apenas entre as acepções temporais, ou com uma predominância muito maior entre elas, ou de um modo diferente do em que também atuam no macrogrupo espacial.

Comentei acima que os critérios gerais usados para a classificação das acepções temporais de *passar* têm um peso relativamente pequeno na diferenciação da área semântica temporal coberta pelo verbo em acepções diversas, cuja multiplicação é provocada antes por fatores de distinção de sentido mais finos e sutis³². Tome-se como exemplo disso a natureza da figura em função semântica de TEMA, que, além de servir como eixo geral de divisão das acepções em transgrupos tanto no macrogrupo espacial como no temporal, é também, em ambos os macrogrupos, uma das principais causas das diferenças mais finas que existem entre várias

³² Há que se ressaltar, no entanto, que a influência de “fatores finos” na diferenciação de acepções não se dá apenas no macrogrupo temporal, mas ocorre também no espacial.

acepções das mesmas classes.

É tal natureza da figura em função semântica de TEMA que pode distinguir entre si as acepções **T.Bc.2.1** {DESAPARECER, ACABAR, CESSAR, EXTINGUIR-SE [ALGO] – ex(s).: “Isso é uma crise, há de passar” e “Tudo passa”}, **T.Bc.2.2** {MORRER [UM SER ANIMADO] – ex.: “Que nos importa os que passaram ou que temos nós com o que eles fizeram?”}, **Bc.2.3** {NÃO ESTAR MAIS DISPONÍVEL; PERDER-SE [UMA OPORTUNIDADE OU MOMENTO PROPÍCIO PARA ALGUMA COISA] – ex.: “Passou a ocasião”} e **T.Bc.2.4** {SAIR DA LEMBRANÇA [A REPRESENTAÇÃO MENTAL DE UM ACONTECIMENTO, PESSOA ANTES CONSIDERADA, ALGO ANTES IMPORTANTE, ETC.] – ex.: “Vivemos entre efêmeros, na república da volubilidade: tudo passa, porque não se enraíza”}.

Todas essas acepções correspondem grosso modo a uma única acepção espacial, a **B.1(2).3** {FICAR PARA TRÁS – ex.: “Estamos quase no Recreio, a casa dela seguramente já *passou*”}, em que, pelo fato de ter sido ultrapassado por um observador com que o ponto de vista discursivo está identificado, algo passa a estar situado para trás das costas de tal observador, saindo assim do horizonte por este visualizável.

Já no macrogrupo espacial, tal noção de ficar para trás se faz tipicamente acompanhar de valores tempo-aspectuais de consecução, pelos quais algo já teria ocorrido, e até mesmo, pelo menos em certa grau, da ideia de perda, da indisponibilidade de algo que se poderia ainda desejar encontrar mais para a frente – é esta, por exemplo, a situação mais provável em que uma frase como “Estamos quase no Recreio, a casa dela seguramente já *passou*” seria enunciada (por alguém buscando a casa de uma amiga na Barra...).

Mas, se no plano do espaço sempre podemos voltar atrás para re-encontrar o que já teria sido ultrapassado, o mesmo não é possível quando se trata de uma localização no tempo, cujo decurso é irreversível. Isso explica as diversas implicações pragmáticas e especificações adicionais que este único efeito de sentido espacial ganha quando transposto para o domínio temporal, seja o valor cessativo e a ideia de irremediabilidade que subjazem muito mais fortemente a todas as acepções examinadas do que o faziam em relação à acepção espacial **B.1(2).3**, seja as implicações mais específicas, derivadas de domínios semânticos particulares, que as diferenciam entre si.

Com efeito, mais talvez até do que pela natureza da figura em função semântica de tema, tais acepções se diferenciam antes pelas im-

plicações que disso decorrem, ligadas aos conhecimentos de mundo que temos sobre o que significa “ficar para trás” – donde, na esfera do tempo, não só desaparecer, mas cessar de existir, pelo menos no presente – quando se trata de um ser vivo, uma representação mental ou a oportunidade de se fazer algo.

A noção de irreversibilidade do tempo, de que o tempo se esgota, se gasta ao transcorrer, é também o que distingue entre si por um lado as acepções **T.A.1.1** {DECORRER [UM DADO PERÍODO DE TEMPO] – ex(s).: “E os anos assim foram passando” e “Passaram-se três meses do nosso último encontro”} e **T.A.1.3** {DEIXAR [UMA FIGURA ANIMADA] QUE [UM DADO PERÍODO DE TEMPO] DECORRA – ex(s).: “...passou quinze dias, invocou as Eumênides” e “Cupido que sempre ali costuma a vir passar a sesta”}, e, por outro lado, as acepções **T.A.1.2** {DECORRER, ESGOTANDO-SE – ex(s).: “Passaram-se os anos da mocidade” e “Passou-se o tempo regulamentar e nada”} e **T.A.1.4** {DEIXAR [UMA FIGURA ANIMADA] QUE [UM DADO PERÍODO DE TEMPO, TÍPICAMENTE UMA ETAPA DE SUA VIDA] DECORRA, ESGOTANDO-SE – ex.: “Em duro trabalho passou a mocidade”}.

Aliás, se há um aspecto pelo qual se pode caracterizar coletivamente os efeitos de sentido decorrentes da transposição do significado básico de *passar* para o domínio do tempo é o aumento do grau de subjetivização, ou seja, o fato desses efeitos não se originarem apenas do transcurso do tempo ou de outros fatores ligados ao tempo em si mesmo, mas sim, sobretudo, da importância que tal transcurso do tempo tem para os humanos, a influência e as consequências que ele tem na própria vida dos homens e em suas atividades.

Isso se verifica em grau máximo na metáfora que identifica com o transcurso do tempo a vida dos seres animados ou a existência dos inanimados (a qual é quase indissociável da metáfora mais básica que identifica o transcurso do tempo com um caminho seguido por uma figura, que subjaz às acepções do segundo transgrupo). Ora, a força dessa metáfora adicional pode ser melhor avaliada quando se observa que, entre as 16 acepções do segundo transgrupo, 11 são nela baseadas.

Pode-se notar ainda o alto grau de subjetivização das acepções temporais de *passar* no conjunto formado pelas acepções **T.A.2.3** {ATRAVESSAR [UMA PESSOA] [UM PERÍODO DE TEMPO OU DECURSO DE ACONTECIMENTOS COM DADAS CARACTERÍSTICAS QUALITATIVAS, BOAS OU MÁS] – ex(s).: “Passou por todos os prazeres da mocidade”, “Passou por um grande desgosto”}, **T.A.2.4** {ATRAVESSAR [UMA PESSOA] [UM PERÍODO

DE TEMPO OU DECURSO DE ACONTECIMENTOS PENOSO] – ex.: “Quem há no mundo que aflições não passe”, **T.A.2.5** {ATRAVessar [UMA PESSOA] [UM PERÍODO DE TEMPO OU DECURSO DE ACONTECIMENTOS FAVORÁVEL] – ex.: “Passar noites deliciosas”} e **T.A.2.6** {ATRAVessar [UMA PESSOA] UM PERÍODO DE TEMPO EM BOAS OU MÁS CONDIÇÕES DE SAÚDE – ex(s): “Não passou bem” e “Tenho passado mui mal”}, que se caracterizam por abordar o transcurso do tempo não em si mesmo, nem enquanto simplesmente a duração da vida, mas por um ângulo avaliativo, o de se os períodos de tempo/vida decorridos são ou não favoráveis à figura – humana, no caso – que os “percorre”. Até mesmo a particularidade da aceção **T.Ba.2.4** ESTAR [UMA PESSOA] DURANTE [O DECURSO DE UM PERÍODO DE TEMPO ESPECIAL, COMO UMA DATA FESTIVA] [EM ALGUM LUGAR, COM ALGUÉM OU FAZENDO ALGO] – ex(s): “Tinha passado a festa do Natal de 1822 em Guimarães” e “Passar as férias com a família”} em relação à **T.Ba.2.3** {ESTAR [UMA PESSOA] DURANTE [UM PERÍODO DE TEMPO] [EM ALGUM LUGAR] – ex.: “Quando este eterno laboratório estiver acabado, talvez para lá vá passar um bocado, ocupar-me de química”}, mais geral, se explica por um fator de valorização subjetiva, pelo fato de certas datas ou períodos de tempo (Natal, Carnaval, aniversários, férias, fins de semana etc.) serem mais socialmente valorizadas que outros.

4. Considerações finais

Cabe agora justificar esse interesse na adaptação, a meu ver necessária, pela qual noções originadas de um domínio semântico devem passar quando transpostas a um novo domínio.

Não sou especialista no processo cognitivo da metáfora, e sim no processo linguístico de extensão de sentidos. Interesse-me, como cognitivista, nos processos cognitivos subjacentes às extensões de sentido. Mas considero muito problemática a ideia de que a linguagem apenas reflita um sistema conceitual que a precederia, ideia frequentemente encontrada entre os cognitivistas. Acho que é preciso mais dialética na compreensão das relações entre a cognição e a linguagem.

A principal coisa que minha análise de *passar* revelou é a existência do que chamei de trabalho de elaboração da linguagem, do qual o processo de extensão de sentidos é uma manifestação, e as aceções lexicais são o produto. Embora baseado em processos cognitivos, trata-se sobretudo de um trabalho histórico de construção de sentidos que ocorre paulatinamente no intercurso social: por meio dele, ao invés de refletir

um sistema conceitual prévio, a linguagem cria na verdade o sistema conceitual, sempre ultrapassando o já conceituado e criando novos conceitos.

Daí a ênfase no que é novo nos sentidos gerados, e não só naquilo que os baseia conceitualmente, mas sobretudo nas suas relações com as novas situações que devem exprimir, que exigem a adaptação dos sentidos de base prévios, de modo a que possam ser captados os aspectos inerentes dessas novas situações: o papel do domínio-alvo no processo, não apenas o do domínio-fonte.

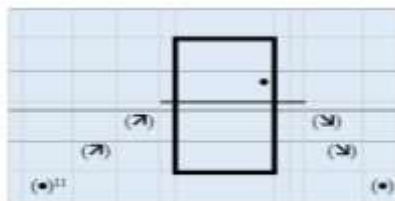
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VASCONCELLOS, Z. *O processo de expansão de sentidos e a questão da (ir)representabilidade semântica*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada à Descrição do Português). Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 1995.

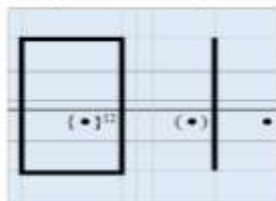
ANEXO

Esquemas de imagens subjacentes ao significado central de passar e aos significados típicos das principais classes de acepções.

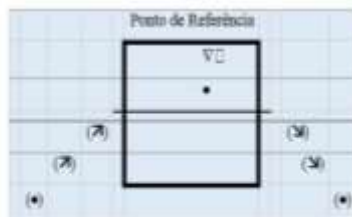
Significado central e do Grupo A –



Grupo B - → Grupo D -

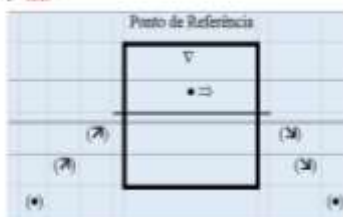


Grupo C – (em especial Subgrupo C.a)



SIGNIFICADOS DOS SUBGRUPOS DO GRUPO C

Subgrupo C.b –



Subgrupo C.c –



Subgrupo C.d –

